



AS TRÊS UTOPIAS EDUCACIONAIS NA OBRA DE MARIA LACERDA DE MOURA

LAS TRES UTOPIAS EDUCATIVAS EN LA OBRA DE MARIA LACERDA DE MOURA

*THE THREE EDUCATIONAL UTOPIAS IN THE WORK OF MARIA LACERDA DE
MOURA*

LESSA, Patrícia¹

Resumo

Maria Lacerda de Moura foi uma educadora normalista que participou em várias frentes de trabalho escolar e viu nas teorias pedagógicas libertárias uma forma de escapar dos métodos tradicionais amparados no binômio prêmio-castigo. Para os grupos e as pessoas envolvidas com o anarquismo, a educação possuía um lugar central, tendo em vista que proporcionava uma crítica ao ensino burguês e religioso e, por outro lado, materializava sua própria concepção pedagógica através da criação de escolas autônomas e autogeridas, livres da igreja e do Estado, bem como a produção de seus próprios materiais escritos, fundamentados em princípios de autonomia, de autogestão, de internacionalização e de ação direta. A coeducação de gêneros e de classes era vista como forma de trocas e como um recurso para o desenvolvimento das crianças e dos jovens. Não havia separação hierárquica entre o trabalho manual e intelectual, ambos deveriam servir como ferramentas para o aprendizado. Nesta reflexão, apresentamos algumas das ideias da autora sobre a Educação expostas em livros, partimos de um debate proposto por Miriam Moreira Leite a respeito das utopias educacionais na obra de Maria Lacerda. As utopias educacionais dela coincidem com suas mudanças nas redes de contatos e aparecem em seus escritos. As teorias anarquistas tinham sólidas propostas sociais e culturais. O encontro e a amizade da educadora com Fábio Luz e José Oiticica possibilitou o estudo sobre as experiências pedagógicas de Paul Robin, Sébastien Faure e Francisco Ferrer y Guardia. A crítica aos modelos adotados na escola oficial brasileira e as novidades educacionais trazidas da Europa fizeram eco ao pensamento dela, que pôde escrever e pronunciar palestras sobre um novo modelo educativo, pautado no respeito à criança, bem como nas diferenças de classe, etnia ou gênero.

Palavras-chave: Educação Libertária; Maria Lacerda de Moura; Feminismo; Utopia; Anarquismo.

Resumen

¹ Doutora em História, atuante na Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil, patricialessa13@gmail.com.

Maria Lacerda de Moura fue una educadora normalista que participó en varios frentes de trabajo escolar y vio en las teorías pedagógicas libertarias una forma de escapar de los métodos tradicionales amparados en el binomio premio-castigo. Para los grupos y personas involucradas con el anarquismo, la educación ocupaba un lugar central, considerando que brindaba una crítica a la enseñanza burguesa y religiosa y, por otro lado, materializaba su propia concepción pedagógica a través de la creación de escuelas autónomas y autogestionarias, gratuitas, de la iglesia y el estado, así como la producción de sus propios materiales escritos, basados en principios de autonomía, autogestión, internacionalización y acción directa. La coeducación de género y clase fue vista como una forma de intercambio y como un recurso para el desarrollo de niños y jóvenes. No existía una separación jerárquica entre el trabajo manual y el intelectual, ambos debían servir como herramientas para el aprendizaje. En esta reflexión, presentamos algunas de las ideas de la autora sobre la Educación propuesta en sus libros. Partimos de un debate propuesto por Miriam Moreira Leite, respecto de las utopías educativas en la obra de Maria Lacerda. Sus utopías educativas coinciden con sus cambios en las redes de contactos y aparecen en sus escritos. Las teorías anarquistas tenían sólidas propuestas sociales y culturales. El encuentro y la amistad del educador con Fábio Luz y José Oiticica permitieron estudiar las experiencias pedagógicas de Paul Robin, Sébastien Faure y Francisco Ferrer y Guardia. La crítica a los modelos adoptados en la escuela oficial brasilera y las novedades educativas traídas de Europa hicieron eco en su pensamiento, que supo escribir y pronunciar ponencias sobre un nuevo modelo educativo, pautado tanto en el respeto a la niñez, como en las diferencias de clase, etnia y género.

Palabras clave: Educación Libertaria; Maria Lacerda de Moura; Feminismo; Utopía; Anarquismo.

Abstract

Maria Lacerda de Moura was a normalist educator who participated in several fronts of school work and saw in libertarian pedagogical theories a way to escape the traditional methods supported by the reward-punishment binomial. For groups and people involved with anarchism education had a central place, considering that it provided a critique of bourgeois and religious education and, on the other hand, it materialized its own pedagogical conception through the creation of autonomous and self-managed schools free from church and state, as well as the production of its own written materials, based on principles of autonomy, self-management, internationalization and direct action. The co-education of genders and classes was seen as a form of Exchange and as a resource for the development of children and young people. There was no hierarchical separation between manual and intellectual work, both should serve as tools for learning. In this reflection, we present some of the author's ideas about Education exposed in books, starting from a debate proposed by Miriam Moreira Leite regarding the educational utopias in the work of Maria Lacerda. Her educational utopias coincide with her changing networks and appear in her writings. The anarchist theories had solid social and cultural proposals, the meeting and friendship of the educator with Fábio Luz and José Oiticica made it possible to study the pedagogical experiences of Paul Robin, Sébastien Faure and Francisco Ferrer y Guardia. The criticism of the models adopted in

the official Brazilian school and the educational innovations brought from Europe echoed her thinking, which was able to write and deliver lectures on a new educational model, based on respect for children, as well as differences in class, ethnicity or gender.

Keywords: Libertarian Education; Maria Lacerda de Moura; Feminism; Utopia; Anarchism;

Introdução

Maria Lacerda de Moura (1887 – 1945) deixou-nos um legado libertário muito vasto. Ela foi uma profícua escritora, educadora e oradora, além de realizar muitas ações e práticas sociais propositivas. Ela escreveu muitos livros, artigos, matérias jornalísticas, cartas, conferências, folhetos, palestras e outros tipos de matérias que foram publicadas no Brasil e em outros países. Nascida na Fazenda Monte Alverne, em Manhuaçu, Minas Gerais, logo na infância mudou-se com a família para Barbacena onde deu início aos estudos escolares. Formou-se normalista e atuou na docência por muito tempo e em diferentes contextos. Viveu no período entre as duas Grandes Guerras. Sua obra, hoje é interpretada como feminista e libertária. Destacou-se por algumas frentes de batalha, em consonância com o seu tempo, das quais destacamos: a educação libertária, as reivindicações das mulheres e a luta antifascista. Maria Lacerda não gostava de rótulos ou definições, não se autodenominava feminista ou libertária, porém, em seus escritos emergem estas frentes de batalha e, portanto, sua obra é interpretada como tal.

Sobre o projeto educacional de Maria Lacerda, Mirim Moreira Leite propôs três utopias educacionais, as mesmas coincidem com algumas fases de sua trajetória. No dia 23 de julho de 1993, Miriam Moreira Leite apresentou as *Utopias Educacionais de Maria Lacerda de Moura*, na mesa redonda *Utopias Educacionais Anarquistas*, durante o XVII Simpósio Nacional de História, em São Paulo. Para Leite (1993), a primeira e a segunda utopias estão relacionadas ao trabalho desenvolvido nas escolas tradicionais e no projeto de alfabetização e a terceira utopia educacional aconteceu justamente no momento do encontro dela com os grupos anarquistas. A nossa proposta é reajustar a ordem cronológica das utopias para contemplar a última fase da vida e obra de Maria Lacerda. A perspectiva que abordaremos diz respeito ao trabalho dela depois de sair de São Paulo e dar início aos estudos do budismo e da filosofia, ampliando assim, seu

campo de estudos e de prática pedagógica. Para Miriam Moreira Leite as três fases seriam: o início do trabalho como normalista, o projeto de alfabetização e a educação libertária. A nossa proposta é pensar seu trabalho em Barbacena na escola tradicional, depois o trabalho informal em Guararema e, por fim, sua proposta espiritualista, sobretudo, contemplada na sua última obra, *O Silêncio*. Nesta releitura das três utopias educacionais pretendemos abranger o trabalho de Maria Lacerda realizado no encontro com o budismo e as teorias espiritualistas, então em voga.

Primeira utopia educacional

Em Barbacena, em 1904, ela formou-se na Escola Normal e iniciou seu trabalho como professora primária, aos 16 anos de idade. Nesta mesma escola ela atuou no ensino dos trabalhos manuais, nas aulas de Pedagogia e Higiene. Posteriormente, foi nomeada diretora do *Pedagogium*, que era anexo à escola onde já trabalhava. Foi no contexto tradicional de Minas Gerais que ela lecionou nas escolas do ensino formal. Seu primeiro livro surgiu neste contexto. *Em torno da educação* foi publicado em 1918. Sobre esse livro ela fez uma crítica em sua *Autobiografia* (1929) considerando-o patriótico, exaltado e burguês. Daí deriva a sua primeira utopia educacional, pois, nesta obra ela ainda acreditava na educação formal e fazia descobertas sobre as discussões em torno das disciplinas, sobretudo higiene, educação física e alfabetização.

Sobre a escola ela escreveu uma obra vasta, envolvente, irônica e alicerçada em estudos e práticas revolucionárias de sua época. Em Barbacena, suas experiências ficaram circunscritas ao âmbito oficial, o que Miriam Leite denominou como a “primeira etapa de sua atividade educacional”, participe ativa na utopia da Nação brasileira” (LEITE, 1996, p.66). Atuou, em 1912, na Liga Contra o Analfabetismo, porém, foi desta atuação que percebeu que somente ler e escrever não mudariam nada na vida das pessoas caso o método de ensino fosse uma reprodução dos valores estabelecidos. A Liga Contra o Analfabetismo era vinculado ao Colégio Militar e tinha como meta atingir 80% da população analfabeta. Era um período em que a República do Brasil tomava conhecimento de uma população heterogênea, com várias camadas sociais e grupos étnicos. As décadas de 1920 e 1930 exaltavam o patriotismo e provocavam o

sentimento de pertencimento, foi neste contexto de exaltação nacionalista que a educadora percebeu os prejuízos da educação oficial.

A escola oficial propiciava bens culturais que só podiam ser apreendidos pelos que detinham recursos para decodificar a sua simbologia. Sua experiência com as discriminações sofridas na escola de freiras de Barbacena e em seus contatos com mulheres da classe dominante do movimento sufragista deram a Maria Lacerda instrumentos para criticar uma educação que detém privilégios e os reproduz (LEITE, 1996, p. 67).

Na década de 1910 dois grupos se destacavam na educação brasileira: os Nacionalistas e os Católicos. Maria Lacerda foi participante ativa nos dois grupos, tanto como estudante e como docente. Tais grupos se constituíam intensamente imbricados, tendo como elemento de ligação principal a ideologia nacionalista. Diante da ligação ideológica e da finalidade comum de edificação da identidade nacional é possível observar que a escolarização viria a assumir um papel central nas políticas educacionais do período. No que se refere às políticas públicas de educação percebe-se um ensaio de ministrar à escolarização um caráter prático, de modo a substituir o método ultrapassado do Império por uma educação voltada para a produção de riquezas para a nação. Assim tais considerações teriam afetado o Ensino Primário, a Escola Normal, o Ensino Profissional, o Ensino Secundário e o Superior.

Maria Lacerda entrou em conflito com seus familiares quando começou a publicar suas ideias. Ainda em Barbacena, Maria Lacerda esteve atenta aos trabalhos de algumas associações de mulheres. Desde 1918, Maria Lacerda manifestou em seus escritos a sua preocupação com a condição feminina e com as maneiras de transformá-la, ideário que ficou mais evidente em seu segundo livro. Em Minas Gerais, atuou nas campanhas em prol das crianças abandonadas e divulgou as iniciativas associativas de alguns grupos de mulheres dos quais tinha notícia pelos periódicos das cidades maiores. As mulheres e as crianças foram, inicialmente, o foco principal de suas preocupações, e, portanto, de sua escrita propositiva. Em 1919, após a publicação de *Renovação*, ela foi convidada para as primeiras conferências fora de sua cidade. Em 1920, discursou no centro da Federação Operária Mineira (FOM), em Juiz de Fora, e, em 1921, realizou uma conferência na cidade de Santos. Essas conferências possibilitaram contatos e facilitaram a sua saída de Barbacena.

A diferença abismal entre as propostas pedagógicas do Estado, da igreja e as propostas revolucionárias dos grupos e de educadores/as anarquistas chamaram a sua atenção. A educação foi central em sua vida e obra, ela atuou no ensino formal e informal e sobre a escola tradicional escreveu: “essa educação do Estado e da Sociedade é o maior atentado, o mais inominável contra a dignidade humana” (MOURA, 1934, p.19). Após a sua atuação em colégios de Barbacena ela percebeu o papel acrítico do ensino nas escolas tradicionais e rompeu com o ensino formal, dando início a uma nova utopia educacional. Mudou-se para São Paulo, ainda em 1921, aos 34 anos.

Segunda utopia educacional

Vivendo em São Paulo, criou e publicou a Revista *Renascença*. Participou de alguns grupos importantes, mas, vamos dar destaque a sua mudança para a Comunidade Libertária de Guararema. Entre os anarquistas que chegaram da Europa, alguns se destacaram pela sua atuação mais efetiva, foi o caso de Artur Campagnoli. Este chegou a São Paulo em 1888, comprou uma área de terra considerada improdutiva e fundou a Colônia de Guararema, com ajuda de russos, franceses, espanhóis, italianos (a maioria) e nas décadas de 1920 e 1930 teve a colaboração de brasileiros.

Em São Paulo, a escritora mineira colaborou assiduamente com a imprensa operária e progressista e, em 1923, lançou a revista *Renascença*. Publicou seus artigos em alguns periódicos tais como: *A Lanterna*, *A Tribuna*, *A Plebe*, *O Combate*, *O Ceará*, bem como na revista espanhola, com sede em Valência, *Estudios*. Maria Lacerda de Moura deixou-nos um legado libertário muito vasto. Ela foi uma profícua escritora, oradora e educadora, além de realizar muitas ações e práticas sociais propositivas; escreveu muitos livros, artigos, matérias jornalísticas, cartas, conferências, folhetos e outros tipos de matérias que foram publicadas no Brasil e em outros países. Aos 34 anos de idade, em São Paulo, alavancou uma rica produção escrita, sobretudo de livros versando sobre o antifascismo.

Em 1928 ela saiu de São Paulo para viver entre anarquistas, em sua maioria, desertores da primeira Guerra Mundial. Foi uma nova fase em sua vida e, sobretudo, fora dos esquemas tradicionais da escola oficial. Foi neste contexto que ela entrou em contato

direto com a *Proletcultura*, que era uma forma de educação voltada aos grupos explorados pelo capitalismo, possibilitando as ferramentas para a compreensão da exploração e, quem sabe, criando recursos para a sua libertação. Eram outros corpos, corpos marcados pelas longas jornadas de trabalho, pela fome, pela doença, porém, vistos em seu potencial de mudança, caso se envolvessem nas lutas de classe e nas resistências às opressões capitalistas.

Neste sentido, pensamos que esta seria a segunda utopia educacional. Uma utopia em ruptura com a anterior. Foi na comunidade libertária que ela estudou, dialogou com o anarquismo e escreveu um grande volume de textos. Ela lutou contra o fascismo e sobre o tema escreveu um grande volume de textos na imprensa nacional e internacional, além de alguns livros, tais como: *De Amunden a Del Prete* (1928); *Civilização: tronco de escravos* (1931); *Amai e... não vos multipliqueis* (1932); *Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!* (1933); *Clero e fascismo: horda de embrutecedores* (1933); *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital* (1935) dentre outros tantos.

No livro *Civilização: tronco de escravos*, ela associou a ciência e a industrialização ao nacionalismo, patriotismo e, em consequência, as guerras. Para ela, havia uma grande contradição na adoção do termo “civilização” já que os grupos sociais considerados civilizados conjugavam de práticas brutais, tal como a caça desportiva e o patriotismo, que era uma das bases de sustentação das guerras. Outro aspecto relevante é notado em seu debate sobre a produção industrial e o acúmulo de riquezas por uma minoria graças ao trabalho, mal remunerado, da classe trabalhadora. No início da obra ela apontou as consequências:

É o excesso de produção, sob todos os aspectos, na lavoura como nas indústrias, causa de todos os conflitos na sociedade atual. O nosso mal não vem da falta e sim do excesso de produção. A miséria do mundo moderno ainda vem da fartura e do excesso de riqueza e de progresso material. Da má distribuição de gêneros alimentícios. Por ora, a terra daria bem para a sua população (MOURA, 1931a, p. 18).

O acúmulo de riquezas através da produção industrial não resolvia a questão da fome, muito pelo contrário, agravava as diferenças e o abismo que separava as grandes fortunas da multidão de famintos. Com as outras espécies, o carnivorismo engordou os

“estômagos civilizados”, porém, não sanou a fome da classe operária, cujo sangue e suor se misturava nos abatedouros, desde então, escondidos, longe dos centros urbanos civilizados e higienizados. Essa foi uma discussão possibilitada pelo convívio com os anarquistas em Guararema.

Entre os anarquistas individualistas² ministrou aulas de português para as crianças filhas de franceses, italianos e espanhóis desertores da primeira Guerra Mundial. Ela ensinou português para as crianças da colônia. Foi, também, em Guararema que ela dedicou um de seus livros ao educador libertário Francisco Ferrer y Guardia, sobre ele escreveu: “já é tempo de comemorarmos Ferrer de outro modo. Não se educa com discursos. E, se as Escolas Modernas são fechadas pela polícia clerical, cada um de nós tem uma pequena escola moderna dentro do lar e... dentro de nós mesmos” (MOURA, 1934, p.19). Antes de viver entre os anarquistas ela já lia e estudava os modelos educacionais que estavam amplamente divulgados na imprensa anarquista, em livros e nas trocas de cartas com seus amigos Fábio Luz e com José Oiticica.

Entre os grupos anarquistas a educação possuía um lugar central, tendo em vista que proporcionava uma crítica à educação burguesa e religiosa e, por outro lado, materializava sua própria concepção pedagógica através da criação de escolas autônomas e autogeridas, bem como a produção de seus próprios materiais escritos, fundamentados em princípios de autonomia, de autogestão, de internacionalização e de ação direta. Nem prêmio, nem castigo era o lema em oposição as práticas pedagógicas tradicionais.

O fazer era tão importante quanto o pensar. Não havia separação hierárquica entre o trabalho manual e intelectual, ambos deveriam servir como ferramentas para o aprendizado. A criação de jornais, revistas, textos literários e peças de teatro ajudava na atividade cultural e no despertar das consciências. Para isso, a educação formal e informal seria um modo de proporcionar as mudanças sociais necessárias, porém, sem a

² O individualismo anarquista diferencia-se da ideia de individualismo liberal, pois, sendo uma corrente libertária questiona as bases do capitalismo como, por exemplo, a exploração humana para acúmulo de poder ou de capital. Max Stirner (1806 – 1856) foi um dos primeiros a escrever sobre o tópico. Roberto das Neves (1980) escreveu sobre as diferentes perspectivas libertárias e, em consonância com Stirner, apontou dois escritores que influenciaram Maria Lacerda de Moura, são eles: Han Ryner e Émile Armand (LESSA, 2020).

dependência financeira do Estado ou da igreja. As teorias anarquistas tinham sólidas propostas sociais e culturais.

A Escola Moderna, criada por Francisco Ferrer y Guardia foi inaugurada em 8 de setembro de 1901, com um efetivo escolar de 30 alunos: 12 meninas e 18 meninos. Dentre as novidades estava a coeducação de meninas e meninos, de pobres e ricos e entre diferentes etnias. Sobre esse tópico ela escreveu no livro *Renovação*: “A co-educação o meio unico de elevar o nível moral das sociedades desvelando o mystério que envolve a questão sexual na ignorancia da unica razão de ser da vida, num eterno pesadêlo do desconhecido e do proibido” (MOURA [1919], 2015, p. 242).

Na obra *Ferrer; o Clero Romano e a educação laica*, ela deixou-nos uma pista sobre o alcance de sua busca: “‘Conhece-te a ti mesmo’ – ‘para aprenderes a amar’ [...]. Só creio nessa educação... Só creio nessa revolução (MOURA, 1934, p. 41). É possível verificar, em seus escritos, o alinhamento com o anarquismo individualista francês, sobretudo por influência dos textos de Han Ryner e Émile Armand, que conheceu através do encontro com André Néblind, com quem viveu em Guararema.

Além destes educadores libertários citados, outras propostas apareceram ao redor do mundo contestando o modelo oficial fundado em princípios de repetição, obediência cega e medo, em que as avaliações eram realizadas como instrumento de premiação ou de castigo. Uma proposta um pouco menos conhecida foi a de Anna Mahé e Émilia Lamotte denominada como a *Pedagogia Alternativa*. Neste projeto educacional libertário, as ativistas criticavam o modelo de punição e recompensa da escola oficial na França. Elas escreveram e apresentaram conferências, no início do século XX, propondo oficinas de ensino fora do contexto escolar para contrabalançar a influência perniciosa do ensino oficial e oferecer leituras e atividades criativas e críticas ao modelo então vigente (STEINER, 2008). Hugues Lenoir e Perrine Gambart no livro *Os Anarquistas Individualistas e a educação (1900 - 1914)* reafirmam a importante contribuição de Anna Mahé e Émilia Lamotte para a educação libertária.

O que estamos nomeando de segunda utopia é, sem dúvida, um período muito intenso e repleto de encontros para Maria Lacerda. Se por um lado, foi neste momento que ela fez a crítica ao seu primeiro trabalho, a sua primeira utopia educacional, sobretudo no em

sua *Autobiografia*, publicada no jornal *O Combate*, em 1929, foi, também, um momento de questionar os partidos, as associações, os agrupamentos.

A obra *Amai e... não vos multipliqueis* inicia marcando sua forma de perceber, sentir e viver as questões mais pungentes de seu tempo. As pessoas ligadas à direita com suas leis, códigos de conduta, cartilhas e dogmas religiosos e à esquerda com seus programas, partidos e apologia materialista criticavam a escritora mineira e não achavam onde enquadrá-la tendo em vista que ela nunca se identificou como materialista.

O período que ela viveu em Guararema foi de endurecimento do nazi-fascismo no mundo, em consequência, no Brasil. Com o avanço da repressão durante a Ditadura Vargas as comunidades libertárias foram atacadas violentamente, militantes anarquistas ou socialistas eram presos, deportados ou mortos. Ela conseguiu fugir e viver no Rio de Janeiro, permanecendo até a sua morte, onde começou a estudar, trabalhar e vivenciar o hinduísmo, o budismo, o ocultismo, a meditação e a astrologia.

Terceira utopia educacional

Ao escrever sobre a aproximação de Maria Lacerda de Moura com o pensamento anarquista é importante destacar que em momento algum declarou-se atea, mesmo tendo sido uma das escritoras que se destacou na crítica ao clericalismo e às escolas religiosas. Ela foi leitora de Helena Blavatsky, de Annie Besant, de Jiddu Krishnamurti, de Mahatma Gandhi e, sobretudo, de Lev Tolstói. Todos e todas marcaram a história do século XX com suas lutas pacifistas em tempos de guerra e ficaram mundialmente conhecidos por suas propostas de libertação espiritual, contrapondo-se ao dogmatismo católico, que já era alvo de denúncias feitas por anarquistas, socialistas e comunistas do mundo todo por sua colaboração com o nazismo e o fascismo.

Por influência de seu pai ela estudou o espiritismo que já estava bem difundido na América. O Espiritismo Kardecista ou Moderno, floresceu na França, há época ele gerou muitas divergências e foi alvo de perseguições, mas atravessou o tempo e consolidou-se como outra vertente do Cristianismo, desde sua estruturação inicial os

livros circularam o mundo. Seu criador foi Allan Kardec, um educador e escritor que deu nome ao Espiritismo Moderno, que é uma doutrina filosófica vinculada ao estudo do Evangelho. Ele utilizou o pseudônimo para amenizar as perseguições que ocorreram na época do lançamento de seu primeiro livro intitulado: *O livro dos espíritos*, que foi publicado em Paris, no dia 04 de abril de 1857. Hippolyte Léon Denizard Rivail, desde então, passou a utilizar o pseudônimo, o que não evitou a perseguição e que seus livros fossem proibidos e queimados em praça pública. Na Espanha, Maurice Lachatrê “havia encomendado algumas caixas com a obra para fazer a sua divulgação, mas ela foi interceptada e toda destruída pelo fogo por fanáticos católicos que consideravam a obra demoníaca e perigosa para o Cristianismo” (LESSA, 2020, p. 166). Embora ela tenha lido e estudado as obras de Kardec e de Lachatrê, sua relação com a doutrina espírita não durou muito, ela nos informou na autobiografia: “O medo do inferno foi substituído pelo pavor dos ‘espíritos’! Criei-me apavorada, numa atmosfera de horror e crença. Em breve, uma mistura de catolicismo e espiritismo bailava no meu espírito de criança” (MOURA, 1929, p. 3).

Entre pensadoras/es de esquerda o dilema: materialismo versus espiritualismo rendeu longos debates ao longo da história humana. Na visão de Maria Lacerda de Moura o anarquismo ao propor a libertação era um caminho possível no horizonte de um mundo em chamas. Para alguns anarquistas individualistas o espiritualismo estava em harmonia com o pacifismo, com a vida no campo, com o encontro com a natureza, o vegetarianismo, o antivivisseccionismo e o amor livre. Não matarás era um preceito a ser seguido, por isso, muitos optavam pela deserção militar. Os desertores eram objetores de consciência, seguiam princípios religiosos, éticos, morais incompatíveis com o alistamento militar e, sobretudo, com a guerra.

Um dos mais renomados pacifistas foi Liev Tolstói, escritor russo, mundialmente reconhecido por sua volumosa obra literária e educativa. Tolstói abordou temas como: a medicina natural, o vegetarianismo, a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, o alcoolismo, a arte, o militarismo, a violência, o pacifismo e o espiritualismo e a religião. O resultado deste debate foi a proposta de um anarquismo cristão.

Maria Lacerda escreveu e pactuou com algumas das ideias de Tolstói. Tornou-se vegetariana e antivivisseccionista, pacifista e escreveu contra o alistamento militar. Para

ela a guerra servia para alimentar a indústria bélica e a indústria química, ambas em ascensão, alimentavam o capitalismo e fomentavam as desigualdades sociais. Para ela a liberdade não seria conquistada com armas, mas com as consciências renovadas. Portanto, a terceira utopia educacional estava ligada aos estudos espiritualistas e a busca pela consciência universal. Seu último livro, fruto de uma palestra na Ordem Rosa Cruz, no Rio de Janeiro, versou sobre a educação pitagórica. A palestra realizada em 1944, um ano antes de sua morte teve uma publicação póstuma. Nesta obra ela faz um balanço de sua jornada sua busca pela paz, pelos encontros, amizades fraternas e de um profundo vínculo com a religião, entendida em um sentido de busca interior, consigo, com o mundo, com o amor e com a espiritualidade.

Considerações finais

As propostas anarquistas ao redor do mundo fomentavam os diálogos transnacionais à medida que pretendiam romper as fronteiras do Estado e, portanto, da pátria. No Brasil, recém egresso da escravidão, a industrialização, a urbanização e o trabalho remunerado nas lavouras não tardou a ser visto com bons olhos pelo povo europeu e de outros locais. Anarquistas de vários locais chegavam ao Brasil, cuja promessa de prosperidade, ocupando postos de trabalho nas cidades em desenvolvimento e nas lavouras, que iniciavam um novo momento.

Entre meados do século XIX e início do século XX a Educação Libertária ganhou bases sólidas ancoradas em experiências pedagógicas em vários países. O encontro de Maria Lacerda de Moura com grupos e pessoas anarquistas foi a mola propulsora para a sua ruptura com os modelos tradicionais de educação. A primeira utopia era a do Estado Moderno, que pretendia eliminar o analfabetismo, mas, estava baseado na segmentação por classe, gênero e etnias. A segunda utopia aconteceu no momento de encontro com a Educação Libertária. Era uma proposta inovadora, fundamentada na autonomia, na autogestão, na coeducação. Maria Lacerda vivenciou e escreveu intensamente sobre o tema. Após a sua fuga de Guararema ela tornou-se astróloga e pode estudar com mais dedicação os temas da espiritualidade, dando início a terceira utopia. A proposta de reajustar cronologicamente diz respeito ao momento em que ela saiu da comunidade

anarquista e foi trabalhar com os temas espiritualistas, foi um momento de ampliação do seu trabalho e de abertura para novos estudos e práticas sociais.

A busca espiritual de Maria Lacerda de Moura nunca foi obstáculo para sua luta antifascista e libertária, como Tostói, Gandhi, Annie Besant e outras pessoas, ela não via conflito em lutar pela libertação humana, não humana, biocósmica e espiritual, mesmo que sem aderir cegamente às seitas, religiões ou dogmas, que para ela poderiam levar para o perigoso caminho da intolerância e do fanatismo religioso.

Referências

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura e a década de 20. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, Minas Gerais, v. 3, n. 1/2, a. III, p. 69 -77, jan./dez. 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Utopias educacionais de Maria Lacerda de Moura. BLAJ, Ilana; MONTEIRO, John (org.). *História e Utopias: Anais do XVII Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, jul. 1993, p. 65-70.

LESSA, Patrícia. *Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Entremares, 2020.

MOURA, Maria Lacerda. Carta à Fabio Luz, Barbacena, 18 nov. 1920. *Cartas de Arquivo* – 2 ed. Fundo Fabio Luz – PN.0.0.151, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canais_atendimento/imprensa/noticias/cartas-de-arquivo-2-edicao-2. Acesso em: 29 mar. 2020.

MOURA, Maria Lacerda [1931]. *Civilização*, tronco de escravos. Organização e notas: Patrícia Lessa e Cláudia Maia. São Paulo: Entremares, 2020.

MOURA, Maria Lacerda [1935]. *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital*. 2.ed. São Paulo: Editora Entremares, 2018.

MOURA, Maria Lacerda. *Ferrer; o clero romano e a educação laica*. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

MOURA, Maria Lacerda. *Lições de Pedagogia*. São Paulo: Editorial Paulista, 1925.

MOURA, Maria Lacerda [1919]. *Renovação*. Edição Fac-Simile, GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson; QUEIROZ, Camila (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2015.

MOURA, Maria Lacerda. *O Silêncio*. Rio de Janeiro: Rosa Cruz, 1948.